

# ESCOLA CIDADÃ: A SAÍDA DEMOCRÁTICA PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL

*\*Autor Sebastião Vieira Maia Filho*



FONTE: <https://www.google.com.br/search>

JULHO DE 2016

## ESCOLA CIDADÃ: A SAÍDA DEMOCRÁTICA PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL



Por Sebastião Vieira

Arteeducador pela Faculdade 7 de Setembro (FA7)

Pedagogo pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

*"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa". (Freire:1999)*

### RESUMO:

A procura por alternativas que acene para o desafio de estabelecermos uma educação de qualidade aqui no Brasil tem sido atualmente tema de muitas pesquisas no âmbito educacional. As propostas educacionais que são aplicadas nas nossas escolas, nos dias atuais, destoam completamente daquilo que habitualmente é apresentado como discurso de valorização para uma educação completa e crítica. Para superar o tradicionalismo educativo vigente nas escolas brasileiras, necessitamos ampliarmos o debate sobre como dinamizar as potencialidades das instituições educacionais a fim de propor mudanças no sistema educacional que se encontra fragmentado e ineficaz. Nesse artigo trago com foco dessa possibilidade de mudança, a reflexão sobre os objetivos educacionais da Pedagogia Progressista, a qual refere-se às inquietações de Paulo Freire e outros autores que elaboraram propostas de ensino que podem se tornar parte da construção de uma educação com propósitos para uma formação mais completa aos estudantes brasileiros, uma educação capaz de incluir o aluno na dinâmica das escolas, como o protagonista de sua própria formação.

### PALAVRAS CHAVE:

Escola, Educação, Imaginação, Democracia, Ressignificação, Cidadania.

## INTRODUÇÃO:

Neste artigo vou me permitir viajar pelos caminhos da imaginação, pelos desvãos corpóreos que conjugam os meus eus consciente e inconsciente que coabitam em mim desde sempre – do broto vingado, à expansão da flora – para tentar elaborar, a partir de então, o porvir de um pensamento que fale daquilo que a minha subjetivação percebe acerca da democracia e sua relação imediata com o processo educacional brasileiro.

Diante disto, informo aos leitores navegantes que a rota que será traçada aqui, neste artigo, poderá levá-los por caminhos incertos, confusos, tortuosos, cheios de perigos vertiginosos, o que poderá provocar-lhes sensações perturbadoras, capazes de lhes causarem náuseas, e até vômitos... Mas, este, enfim, é o objetivo principal dessa construção textual; fazer com que vocês enjoem à exaustão e vomitem, solenemente, se assim desejarem, sobre minhas esquisitices intelectuais.

Iniciando a construção deste trabalho, passo a dizer aquilo que presumo ser os passos iniciais para se entender como a democracia, ou a ausência dela, perpassa o universo da educação de uma forma quase sempre sutil. Neste sentido, tentarei mostrar para vocês, de forma didática, como se eu fosse um professor expondo sua prática pedagógica numa sala de aula. Para começarmos, vamos fazer o seguinte exercício de imaginação: pensemos nesse professor, na sala de aula, dando os primeiros passos na sua atividade docente:

*– O professor dirige-se ao quadro e escreve no mesmo a “ordenação” de sua aula, expondo, assim, uma pauta de conteúdos programáticos construída, na sua totalidade, pelo corpo técnico-pedagógico escolar, a qual foi formatada a partir de critérios poucos “democráticos”. Esses conteúdos, por sua vez, terão de ser repassados da forma que está para os educandos, aos quais cabe, apenas, recebê-los, passivamente, e depositá-los na mente, para reproduzi-los posteriormente, quando isto for solicitado, através de uma atividade ou uma avaliação.*

Sinceramente, eu não acredito que as relações de ensino e aprendizagem na escola devam ser assim de uma forma tão passiva. Penso que o educando precisa ser o sujeito de seu aprendizado a partir de uma visão geral de mundo; não apenas como um copiado e reproduzido oprimido desse processo educacional, que, na maioria das vezes, não valoriza suas particularidades. Acredito que o aluno precisa ser mais ativo, agir como o protagonista desse contexto educacional, contribuindo, desta forma, com sua aprendizagem de forma significativa.

Nessa perspectiva, cabe ao sistema educacional estimular e sensibilizar seus alunos para o desenvolvimento dessa autonomia: incentivá-los para que eles venham a ser os protagonistas desse processo de produção e construção do seu próprio conhecimento, como dizia FREIRE (1996, p. 21): “*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*”.

Diante dessa “proposta” programática fechada em si mesma, caberia aqui o seguinte questionamento: afinal, para que serve o discurso de democratização na escola se os alunos não a exercem em sua plenitude? Se não lhes são abertas possibilidades de, pelo menos, poder opinar sobre o que foi pré-definido, pela direção pedagógica da escola, acerca dos conteúdos a serem vistos em sala de aula? De que serve esse discurso “democrático” se a prática cotidiana dentro da mesma não torna afirmativo o que está sendo dito? Não é óbvio vermos participação ativa de atores sociais onde há a plena liberdade democrática de expressão e atuação?

Para mim, uma escola que não dá voz e nem vez aos seus alunos, não pode falar em democracia, pois não a exercem de verdade. Um discurso que não é seguido, imediatamente, pela prática, como falava Paulo Freire, não serve para nada, é só discurso vazio. O aluno não está na escola apenas para ser doutrinado passivamente, porque este não é um ser autômato programável. É inadmissível admitir que educandos sejam vistos como “*seres programados para aprender*”, como afirmou o bioquímico e geneticista francês François Jacob em 1965. Prefiro conceber como verdade o que disse Paulo Freire sobre a capacidade social e histórica que o ser humano desenvolveu, ao longo do tempo, de aprender:

*“Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem aberturas aos riscos e à aventura do espírito” (FREIRE, 1996, p. 68).*

## **A DANÇA DEMOCRÁTICA DA ESCOLHA DOS CONTEÚDOS:**

Ao contrário dessa visão antidemocrática de deixar os alunos fora das decisões, como a escolha de conteúdos, por exemplo, penso que seria bem melhor incluí-los, envolvê-los, engajá-los nessa atividade, pois, na minha concepção, essa seria uma oportunidade ímpar para que a direção e o corpo pedagógico escolar, juntos, oportunizassem esse espaço, para o qual os alunos fossem convidados a virem dançar essa dança democrática da liberdade de escolhas acerca daquilo que eles, alunos, gostariam que fosse incluído na parte diversificada dos conteúdos a serem estudados, ou seja, que eles pudessem escolher e incluir no currículo escolar outros temas, além daquilo que já é pré-determinado como conteúdos da base nacional comum. É papel de uma escola que se diz democrática e cidadã abrir espaço em seu currículo para que os padrões culturais de seus alunos possam ser contemplados e respeitados pelo mesmo, como nas palavras do educador Paulo Roberto Padilha:

*[...] o currículo, nas diversas experiências da Escola Cidadã, procura respeitar os padrões culturais de classe de seus alunos, bem como seus valores, sua sabedoria, sua linguagem. [...] (PADILHA, 2004, p. 107)*

Quando o educador só transmite em sala de aula os conteúdos pré-determinados pela escola, está consolidado aí a “educação bancária” tão criticada por Paulo Freire. Para Freire, que defendia uma educação assumidamente ideológica, o tradicionalismo da educação bancária, onde o educador deposita o conhecimento em um aluno desprovido de seus próprios pensamentos, não permite a construção

do saber de forma conjunta, em que o educador se aproxima dos conhecimentos prévios dos alunos, como ele mesmo disse:

*“O educador faz “depósitos” de conteúdos que devem ser arquivados pelos educandos. Desta maneira a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. O educador será tanto melhor educador quanto mais conseguir “depositar” nos educandos. Os educandos, por sua vez, serão tanto melhores educados, quanto mais conseguirem arquivar os depósitos feitos (Freire, 1983, p.66).*

Pode até ser que somente uns poucos alunos, diante dessa possibilidade de participar da construção dos conteúdos diversificados de sua escola, quisessem se aventurar a ensaiar tímidos passos nessa direção, mas, com o passar do tempo, os demais já acostumados com seus colegas desenvolvendo essa prática pedagógica integrativa, porque participativa, certamente eles iriam, aos poucos, querendo tornar-se, também, exímios dançarinos.

É meus amigos, eu sei o quanto é difícil aprender essa dança da educação democrática – a dança que exige dos dançantes movimentos livres, autônomos, sem ditames de reproduções modelares de conteúdos pré-formatados – é bem mais fácil ancorar-se, ou até mesmo agarrar-se aos corpos rígidos, completamente coisificados, os quais julgam dançar a dança de suas vidas, mas, na verdade, estão mesmo é seguindo tais modelos, ou seja, estão, apenas copiando passos e gestos massificados, os quais não possibilitam à formação estética dos mesmos enquanto seres aprendizes, que se propõem a bailar no ritmo de uma educação emancipadora.

Acredito firmemente que está nisto, na abertura de possibilidades como essa: *permitir a participação dos alunos na escolha daquilo que eles querem ver associados aos conteúdos formais obrigatórios*, a chance da escola dar efetivamente voz e vez ao seu corpo discente, a oportunidade dela fazer de seus

alunos os protagonistas de suas próprias histórias de vida educacional, dentro da escola.

## **SUPERANDO A TRADIÇÃO ANTIDEMOCRÁTICA ESCOLAR NO BRASIL?**

Contudo, na atual conjuntura brasileira, onde as instituições políticas e educacionais trazem embutidas em seus discursos a ideia de “*escola sem partido*”, falar em democracia, liberdade de expressão e atuação, numa escola com esse tipo de visão reacionária, que não abre espaço para o diálogo, nem para a participação de seus alunos nos destinos de seus próprios processos formativos, isto, certamente, soaria como uma grande provocação.

Essa visão arcaica sobre o processo educativo foge completamente daquilo que foi idealizado pelo educador Paulo Freire (1987), pois, na sua percepção, se professores e alunos exercessem o poder de produzir novos conhecimentos a partir dos conteúdos impostos pelos currículos escolares, estariam de fato, consolidando seu poder de contribuir para a transformação da sociedade. Este, também é o pensamento do filósofo e pedagogo brasileiro Dermeval Saviani (1984), quando ele fala da importância da relação intrínseca que existe entre objetivos propostos e conteúdos.

*“Daí, a importância de se ressaltar a relação intrínseca existente entre os objetivos propostos e os conteúdos a serem estudados na sala de aula. Em última instância, a organização dos conteúdos estará intimamente relacionada com o objetivo maior da educação escolar, que é propiciar a aquisição do saber sistematizado (ciência), tido como instrumento fundamental de libertação do homem”. (Saviani, p36).*

Atuando, construindo, produzindo um algo diferente, através da subversão daquilo que é previamente estabelecido, de modo a elevar o nível educacional e formativo dos nossos estudantes brasileiros, isto, a partir da valorização de todo o processo

pedagógico, administrativo, político e social da escola, para que a educação se torne mais completa e crítica, talvez fosse o melhor caminho a ser seguido nesse momento crucial em que a sociedade precisa reagir ao verdadeiro desmonte das políticas públicas voltadas para a área da educação.

Mas, infelizmente, não é isso que nós estamos vendo. A verdade é que todos nós nos acomodamos: gestores, professores, alunos e pais à zona de conforto gerada por nossas “inconscientes” conveniências medíocres, que preferem sempre o molde pronto, em detrimento do formão entalhador que esculpi matérias brutas à procura de revelar a beleza de uma obra-de-arte. Refugamos, assim, um convite à criação. Terá sido por medo que estancamos? Por insegurança? Ou foi, apenas, omissão mesmo? Ouso dar uma resposta possível: tivemos um medo terrível de propor o ilógico!

### **MEU DIZER: UM OLHAR NADA CONVENCIONAL SOBRE O QUE FOI DITO:**

Para que vocês leitores compreenderam o que eu quis mostrar neste artigo, eu gostaria, rapidamente, de mostrar-lhes o meu dizer, nada convencional sobre o que foi abordado até aqui: inicialmente, eu me propus a falar de uma aula futura no presente, convidando-os para um exercício de imaginação. Só que é praticamente impossível se falar de futuro, sem nos remeter ao passado. Por que será que transitamos tanto entre os tempos verbais para dizer da gente e do nosso entorno? Por que será que necessitamos tanto desse exercício de derivação do tempo verbal na produção artesanal de nossas vidas? Estas são algumas das inquietações que me fizeram explicitar essa proposta meio ilógica trabalhar com vocês alguns elementos didático-pedagógicos, que geralmente passam ao largo dos programas educacionais de nossas escolas, tais como: criatividade, imaginação, sonho, poesia, entre outras. É que eu penso meio torto às vezes... E isto me faz temer esse ser estranho, que, vez por outra, teima emergir em mim.

Por isto, diante do que penso, do que sou e sinto é que, nesse instante, quero refazer o que propus no início; Ao invés de continuar imaginando a construção de uma futura aula, que tal observarmos uma aula que esteja acontecendo agora, no presente, quem sabe até a sua própria aula? Talvez assim seja mais fácil entender o que eu quis dizer com essas críticas que fiz acerca da educação tradicional, no decorrer desse artigo.

Dizendo isto, eu peço que vocês abstenham-se dessa construção imagética que eu propus, e mergulhem fundo na realidade presente. Penso que agindo assim, olhando a realidade com atenção, bem de perto, creio que vocês irão perceber o quanto de passado, ultrapassado, há na construção dos conteúdos e propostas didático-pedagógica em nossas escolas nos dias atuais. Em pleno século XXI, nós ensinamos os nossos alunos como se ainda estivessemos no século XIX. Estamos na era da informação tecnológica e usamos recursos pedagógicos que os professores de nossos avós utilizavam.

Então, como querer desenvolver uma educação motivadora onde o aluno seja capaz de construir o seu próprio desenvolvimento da autonomia intelectual? Que ações políticas devem ser direcionadas daqui em diante para que haja na comunidade escolar essa tão sonhada transformação social? Para que caminhemos na direção dessa mudança é preciso que o ensino seja encaminhado de modo que a dialética dos fenômenos sociais possa ser explicada e entendida para além do senso comum, que ele seja uma síntese que favoreça a leitura das sociedades à luz do conhecimento científico.

Contudo, embora eu tenha pedido para vocês seguirem na direção da realidade, do factual, eu ficarei, ainda, vagando entre as dimensões memória / imaginação – nessa conjugação criadora de possibilidades – para falar do que me veio um dia, em meio a uma aula da disciplina Ensino da Linguagem, na Universidade, curso de graduação, acerca das formas e dos dizeres que são tão próprios da nossa língua pátria surpreendente. Dizeres, estes, que ainda estão ausentes nas falas daqueles que precisam ter na educação o suporte necessário para desenvolver a sua expressividade crítica, diante das imposições e manipulações daqueles que

querem nos impor uma escola sem partido, sem ideologia, sem significância, tampouco significado.

No poema “O Dizer da Língua”, eu faço a denúncia sobre a falta que a apropriação da linguagem faz para aqueles que vivem sendo explorados, sem saber que o são:

*A língua que ninguém fala  
É a língua que em tudo cala...  
Na calada da noite  
Essa boca da voz,  
Ela vive aberta falando de nós.  
Mas, também vive repleta de retorcidos nós.  
São entonações distorcidas,  
São expressões esquecidas  
Por quem detém o poder,  
Por quem retém o saber...*

*E assim não diz o como dizer,  
Não diz o como aprender,  
Não diz qual é o segredo  
Da língua que lê.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Vou parar por aqui... Estou ficando um pouco enjoado com esse meu jogo “ilógico” de palavras, aparentemente, sem nexos. De tanto querer afetá-los com minhas impressões tortuosas acabei, pois, por enveredar num labirinto de sentidos diversos, no qual as possibilidades de entendimento que se apresentam, na maioria das vezes, não são lá muito confiáveis. Penso que há algo inconfessável submerso nesse processo de significação de textos e contextos que nos saltam aos olhos, todos os dias, na exteriorização desses descaminhos informacionais de hoje, os quais teimamos em nunca questioná-los.

Será mesmo mais fácil seguir esses guias alienantes passivamente, do que se aventurar numa rebelião contra esses artifícios informativos engendrados, intencionalmente, para limitar a abrangência da nossa visão? Acredito que não! Por isto, procurarei, a partir de agora, reorientar o processo de constituição dos meus métodos-de-viver. Creio que é somente assim que eu poderei adquirir a capacidade de entender, para explicar melhor, o segredo da ressignificação dessas obviedades – banalizadas por uns e ignoradas pela maioria – que transitam no interior dos nossos códigos comunicacionais de hoje, cotidianamente.

Esses dizeres que nos faltam, são, em última instância, tão caros, quando da nossa tentativa de compreender o mundo “real” no qual vivemos. Por isto, é tão importante ensinar aos alunos que as estruturas de um determinado espaço social variam de uma sociedade para outra, e numa mesma sociedade, pois ela reflete as condições econômicas, políticas, sociais e culturais das sociedades em um determinado contexto, e ela está sempre em construção, por isto o cenário ideal não existe em nenhuma parte do mundo, daí a importância da apropriação e domínio, por parte do aluno, da sua língua pátria, pois, para ser sujeito, o homem precisa aprender a dizer a sua palavra. Paulo Freire (1987, p.13) diz: “Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”.

## **REFERÊNCIAS:**

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PADILHA, Paulo Roberto. *Currículo Intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez, 204.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1984.